

Os Temas da Guerra. Estudo exploratório sobre o enquadramento temático da Guerra do Iraque na Televisão

Telmo Gonçalves¹

A Guerra do Iraque foi o conflito internacional mais mediatizado dos últimos tempos. Cidadãos de diferentes pontos do globo seguiram de perto, nomeadamente através das televisões, a evolução de mais um conflito nas areias do deserto iraquiano, que rapidamente se transformou num hiperacontecimento mundial. Os media prepararam com tempo a grande cobertura mediática de um conflito anunciado. Em finais de Janeiro de 2002, no seu discurso do Estado da União, celebrado pela metáfora do «eixo do mal», George W. Bush deixou claro que as operações em curso no Afeganistão constituíam apenas a primeira fase de uma estratégia global mais vasta. «Aquilo que encontrámos no Afeganistão confirma que, longe de acabar aqui, a nossa guerra contra o terror está apenas no início»², declarou o presidente dos EUA, apontando a Coreia do Norte, o Irão e o Iraque como os pólos da grande ameaça terrorista à paz mundial. A administração norte-americana foi deixando perceber que o Iraque constituiria a fase seguinte da Guerra ao Terrorismo.

No dia 20 de Março de 2003, poucos minutos depois das 2.30h da madrugada, mostraram-se em directo na televisão os primeiros sinais da guerra. As operações militares terrestres já tinham começado pelos menos um dia antes³. Mesmo antes da apresentação do problema do Iraque ao Conselho de Segurança, em Setembro de 2002, que conduziu à Resolução 1441, os EUA já tinham decidido intensificar os bombardeamentos aéreos sobre a zona de exclusão aérea, de forma a destruir os sistemas de comunicações e de defesa aérea iraquianos, preparando assim o «campo de batalha» para uma ofensiva terrestre (Clark, 2004: 41). Terá sido esta a primeira fase da guerra, discreta e invisível, mas extraordinariamente decisiva e também letal.

Será, no entanto, o dia 20 que ficará na história a marcar o início da Guerra do Iraque.

Foi na madrugada desse dia que o presidente norte-americano e os media nos deram conta «em directo» do começo do conflito, que vimos deflagrar diante dos nossos olhos através dos ecrãs de televisão. Uma estação de televisão portuguesa, a RTP, teve mesmo a «felicidade» de ser a primeira a transmitir em directo o início dos bombardeamentos sobre Bagdade, antecipando-se em poucos minutos às grandes cadeias de televisão globais.

Uma dupla de reportagem, formada por Carlos Fino e Nuno Patrício, da janela de um quarto de hotel estrategicamente posicionado com vista sobre o rio Tigre, fez o relato dos primeiros bombardeamentos à capital iraquiana. As imagens do relato transmitidas através de videofone dificilmente deixavam perceber aquilo que se estaria a passar: pontos de luz a piscar no ar, a imagem pouco definida do repórter na varanda, uma vista quase imperceptível sobre uma parte da cidade... No entanto, são estas imagens de fraca definição que povoam a nossa memória como marco simbólico do início deste conflito. A própria RTP não se cansou de reforçar o simbolismo do momento, difundindo insistentemente um «spot» autopromocional a recordar o feito excepcional de ter transmitido «em exclusivo» - três minutos antes da CNN! (cf. Santos, 2003: 26) – os primeiros bombardeamentos da Guerra do Iraque.

Da «comunicação estratégica» à «guerra em directo»

As primeiras bombas sobre Bagdade iniciaram uma outra guerra, paralela àquela que se travava no terreno, mas com efeitos decisivos na condução político-estratégica das operações. Os media constituem, com as suas possibilidades tecnológicas de mediação, parte integrante dos conflitos internacionais e das equações estratégicas dos contendores.

Pelo papel que desempenham na construção da realidade da guerra, são elementos decisivos na evolução das opiniões públicas, que funcionam, sobretudo nos regimes democráticos, como uma categoria estratégica fundamental, modificando a liberdade de acção de que dispõem os actores políticos na prossecução dos seus objectivos político-estratégicos. A acção estratégica sobre os media tem como principal objectivo influenciar a evolução da narrativa mediática da guerra, tentando impor nos enquadramentos mediáticos as concepções da realidade que melhor servem os seus interesses estratégicos. Inicia-se, assim, paralelamente à guerra do terreno, uma guerra virtual, que disputa a construção das imagens públicas da guerra.

A acção estratégica através dos media processou-se durante o conflito do Iraque num clima de «guerra em directo». A expressão não é nova no mundo jornalístico, se nos lembrarmos que a cobertura da Guerra do Golfo de 1991 também recebeu idêntico título. No entanto, a grande cobertura mediática deste conflito frustrou as expectativas iniciais, transformando-se num episódio de má memória para o jornalismo.

A investigação sobre a actuação dos media no primeiro conflito do Golfo veio demonstrar que não foi por contarem com mais possibilidades de mediatização, nomeadamente com uma maior vulgarização da transmissão em directo via satélite, nem com a presença de equipas de jornalistas nos dois lados do conflito, que os media conseguiram satisfazer melhor a «necessidade de saber» dos seus públicos. A operação de comunicação estratégica montada pela então «coligação multinacional» revelou-se eficaz, com o controlo da liberdade de acção dos jornalistas no terreno através do sistema de «pools» e a criação de uma máquina de comunicação oficial constituída pelos serviços de relações públicas dos gabinetes políticos e militares a funcionar em permanência para alimentar e condicionar as aspirações de uma «guerra em directo» (Cf. Taylor, 1993; Bennett e Paletz, 1994). No balanço da grande operação mediática, surgiu uma literatura variada revelando não só as várias manobras de manipulação de que os públicos tinham sido alvo, mas também as próprias fragilidades de uma lógica informativa dominada pelos

valores da concorrência, da emoção, do domínio da imagem televisiva e da informação em tempo real. O rescaldo da cobertura jornalística da Guerra do Golfo estimulou uma atitude crítica face ao papel dos media e do jornalismo nas sociedades contemporâneas (Mesquita, 2003: 71-88).

A Guerra do Iraque surge como uma nova oportunidade para os media noticiosos cumprirem as promessas frustradas em 1991. Encontravam-se reunidas condições que prometiam um desfecho diferente, começando, desde logo, pela vulgarização de algumas inovações tecnológicas - de onde se destaca o videofone - , que permitiram de forma mais fácil e económica aumentar as potencialidades de transmissão em directo das televisões.

Outra das grandes novidades na mediatização deste conflito foi a presença de mais de 500 jornalistas «incorporados» em diferentes unidades das forças da coligação anglo-americana, o que não constitui, em si, um facto novo, pois encontramos aplicações do «jornalismo embedded» na Segunda Guerra Mundial e na Guerra do Vietname. A grande novidade consiste no diferencial tecnológico com que os media podem actualmente operar, com possibilidades de transmissão em directo da frente de batalha.

A opção pela «incorporação» de jornalistas é resultado de uma nova doutrina militar americana para as relações com os media, desenvolvida a partir das experiências dos conflitos internacionais anteriores, onde se destaca o trauma do Vietname. Perante as actuais capacidades tecnológicas dos media noticiosos, esta nova doutrina estratégica norte-americana defende uma maior proximidade controlada dos jornalistas, de forma a divulgar o «seu lado da história», aspirando assim a uma maior identificação dos públicos norte-americanos com os seus militares em acção.

Confiantes numa vitória rápida, os responsáveis políticos e militares da coligação decidiram participar mais pró-activamente no espectáculo da «guerra em directo», sem correrem à partida grandes riscos, pois os repórteres «embedded» estariam limitados a uma percepção episódica da guerra, escapando-lhes inevitavelmente o quadro geral, tal

como sucede com os militares envolvidos nas missões operacionais⁴. A opção pela incorporação de jornalistas também se justificava para evitar as críticas recorrentes dos media à Administração norte-americana e ao Pentágono, como aconteceu nos conflitos de Granada, Panamá, primeira Guerra do Golfo e Afeganistão.

Estima-se que terão sido mobilizados no total mais de 3000 jornalistas para a região durante o conflito, alguns deles a trabalhar numa espécie de versão «embedded» junto das autoridades iraquianas. Foram, no entanto, as televisões árabes Al-Jazeera e Abu Dhabi TV, reportando a guerra através do seu enquadramento sócio-cultural e usufruindo de maior liberdade de acção no lado iraquiano, quem terá causado mais problemas à estratégia da coligação, divulgando as primeiras imagens de soldados americanos mortos e de vítimas civis dos bombardeamentos sobre Bagdade.

O cenário de comunicação da Guerra do Iraque foi significativamente diferente, mas a questão central que se levanta no estudo do fenómeno de hipermediatização dos conflitos permanece a mesma. Em síntese, trata-se de saber de que forma os actores político-estratégicos e os media interagem na construção da percepção pública da guerra. Responder a esta questão implica, por um lado, investigar em que medida as concepções das elites políticas e militares influenciaram os enquadramentos através dos quais os media foram construindo a narrativa mediática da guerra, e, por outro lado, tentar conhecer de que forma os constrangimentos de mediatização de uma realidade tão complexa como é uma guerra, associados a uma certa mitificação que o jornalismo de guerra recebe na cultura jornalística, concorrem para a definição dos enquadramentos que definem em grande medida a construção da nossa percepção da realidade.

O trabalho que aqui trazemos não tem propósitos tão ambiciosos. Trata-se de um estudo exploratório que concorre para esse grande objectivo último, mas que se circunscreve apenas a um aspecto particular dos enquadramentos mediáticos operados por um canal de televisão nacional durante a primeira semana do conflito no Iraque. O que pretendemos dar a conhecer é a forma como

esta guerra foi tematicamente enquadrada. Pretendemos, mais precisamente, demonstrar quais as problemáticas que, numa perspectiva macro do fenómeno da guerra, foram privilegiadas nas opções editoriais da RTP1, uma das cadeias de televisão nacionais que mais investiram e se destacaram na cobertura deste conflito.

A hipótese que submetemos aqui a um primeiro teste é a de saber se os enquadramentos mediáticos da Guerra do Iraque privilegiaram essencialmente os factores relacionados com a dimensão estratégico-militar do conflito, anulando outras problemáticas importantes para a construção de uma percepção multidimensional de um dos fenómenos sociais mais complexos e dramáticos que qualquer sociedade pode conhecer.

«Framing» e enquadramentos temáticos

A abordagem do *framing*, que conta com mais de duas décadas de evolução nos estudos do jornalismo, apresenta-se-nos como um bom quadro teórico de referência para o desenvolvimento da nossa problemática. Esta corrente de investigação vai buscar as suas bases teóricas à sociologia de Erving Goffman, transpondo para a análise do discurso jornalístico a noção de «frame» desenvolvida pelo sociólogo na sua obra *Frame Analysis* (1974). Na tese de Goffman, os enquadramentos surgem como princípios básicos de organização das nossas experiências, que operam uma espécie de «corte» artificial sobre a realidade de forma a conferirem-lhe um sentido, definindo não só a forma como interpretamos as situações, mas também como interagimos com os outros. «[A definição de uma] situação é construída em concordância com princípios de organização, os quais governam os acontecimentos – pelo menos os sociais – e o nosso envolvimento subjectivo neles... ‘frame’ é a palavra que utilizo para me referir a tais elementos básicos...», explica Goffman (1974: 10 e 11). Em síntese, os enquadramentos apresentam-se como os processos através dos quais as sociedades reproduzem sentido, estruturando a nossa experiência individual da realidade.

É com base nesta proposta que se vão desenvolver os estudos pioneiros da aborda-

gem do «framing», de onde se destacam a obra clássica de Gaye Tuchman (1978) sobre as notícias como construção social da realidade e a tese de Todd Gitlin (1980) sobre a forma como os media influenciaram a construção histórica do movimento estudantil da «nova esquerda» norte-americana nos anos 60.

A evolução da aplicação do conceito de «frame» nos estudos jornalísticos, devido a vários factores que não vamos aqui analisar, trouxe a esta corrente uma conceptualização difusa, dificultando a possibilidade de se estabelecer um quadro teórico comum às pesquisas do «framing» (Cf. Entman, 1993; Scheufele, 1999). Nos últimos anos, esta abordagem tem vindo a afirmar-se como um paradigma promissor no estudo da problemática dos efeitos dos media (Cf. Scheufele, 1999), sendo, por vezes, apresentado como uma evolução complementar da conhecida abordagem do «agenda-setting» (McCombs e Shaw, 1993; Iyengar, Simon, 1993). Não é, obviamente, com essa orientação que invocamos aqui o conceito. Utilizamo-lo com o objectivo de conhecer o discurso jornalístico e seus mecanismos de produção de sentido, e não com o fim de perceber quais os efeitos directos que os enquadramentos mediáticos poderão provocar nas audiências. Situamos, assim, no quadro mais específico das teorias da notícia.

Fazendo referência a Goffman (1974) e a Tuchman (1978), Todd Gitlin define *enquadramentos mediáticos* como «princípios de selecção, de ênfase e de apresentação compostos por pequenas teorias tácitas sobre o que existe, o que ocorre e o que é relevante. (...) Os enquadramentos mediáticos são padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, selecção, ênfase e exclusão, através dos quais os manipuladores de símbolos organizam rotineiramente o discurso, seja verbal ou visual» (1980: 6 e 7). Os enquadramentos desempenham uma dupla função: organizar o mundo para os jornalistas que o reportam - são eles que permitem aos jornalistas operacionalizar o processamento de grandes quantidades de informação - e para as audiências que confiam nos seus relatos.

Com base na definição de Gitlin, consideramos como um dos componentes básicos da definição dos enquadramentos

mediáticos a perspectiva temática através da qual se tenta conferir um sentido coerente a uma dada realidade, que necessariamente assume um carácter multidimensional, oferecendo-se ao discurso jornalístico sempre com diferentes hipóteses de selecção e ênfase. Um dos primeiros dispositivos dos enquadramentos mediáticos processa-se, precisamente, ao nível do enquadramento temático que um dado assunto acolhe no seu processamento jornalístico.

A própria estrutura editorial de uma publicação, mesmo que não denote no produto final uma organização temática muito explícita - como podemos encontrar em alguns noticiários televisivos -, é regra geral pensada segundo um critério prévio sobre a forma como o meio de comunicação pretende enquadrar tematicamente a narrativa global do mundo para os seus públicos. Os títulos das editorias de um jornal (Nacional, Internacional, Sociedade, Economia...), por exemplo, espelham, entre outros factores - como a especificidade editorial do meio de informação -, uma concepção sobre a forma como o discurso jornalístico se propõe organizar o discurso do mundo.

Uma das principais dificuldades da utilização da noção de tema consiste no facto de encontrarmos sempre, como nota Patrick Charaudeau *et al.*, «temas de diversas dimensões: ‘macrotemas’ e ‘microtemas’» (2001: 32). Prosseguindo a analogia com a estrutura editorial de um jornal, como sugere este autor (*Idem*), os «macrotemas» que encontramos identificados nos títulos das editorias também se podem subdividir noutros «microtemas», que apresentam uma maior ou menor permanência nas edições do jornal. Toda esta estruturação temática desempenha a montante a dupla função que Gitlin atribui aos enquadramentos mediáticos, conferindo sentido não só à organização do discurso jornalístico, mas também à forma como os públicos processam a realidade que ele tenta reproduzir.

Patrick Charaudeau *et al* sugere em alternativa à operacionalização da noção de tema na análise do discurso jornalístico o conceito de «domínio cénico»:

«Se o macro-tema se define como o campo da notícia que é delimitado por

crítérios de actividade social no espaço público (...), o domínio cénico constitui a estruturação desse campo como o 'universo referencial' que o media constrói. Este universo referencial não corresponde por isso a um corte apriorístico do conteúdo, ele depende do papel que jogam os actores implicados no acontecimento relatado: seja um papel de acção, seja um papel de palavra. (...) O critério para definir o domínio cénico é, assim, um critério de *'actancialização'* (quem faz o quê sobre quem?), descrevendo os «actantes», os processos nos quais eles se encontram implicados e as finalidades que é suposto prosseguirem, e de *'declaração'* (quem fala a quem a propósito do quê?), descrevendo os sujeitos da palavra, o valor discursivo desta e a finalidade que eles visam.» (2001: 33).

É através da forma como os actores intervêm no discurso jornalístico, das qualidades em que participam (políticos, militares, diplomatas, agentes humanitários, civis...) na acção e dos seus actos de discurso que se define em grande medida o enquadramento temático dos acontecimentos. É, neste sentido, centrado na forma como o discurso jornalístico reproduz as acções e apresenta os seus actores, bem como as selecções que opera dos seus actos de palavra, que pretendemos operacionalizar neste estudo o enquadramento temático como categoria analítica.

a) *Macrotemas*

As teorias da estratégia, que têm por objecto central o estudo das situações reais e potenciais de conflito com que uma «unidade política» se pode defrontar (Cf. Couto, 1989: 195), oferecem-nos um quadro multidimensional para reflectirmos sobre o fenómeno da guerra. As concepções estratégicas contemporâneas adoptam uma visão integrada de todo o processo de conflito, sugerindo que a boa acção estratégica é aquela que consegue rentabilizar com eficácia os diferentes recursos de uma «unidade política» com vista a atingir objectivos políticos

com o mínimo de prejuízos, no mais curto espaço de tempo. É neste contexto que surge a noção de *estratégia integral*, que estende a reflexão do fenómeno da guerra muito além do estrito domínio da aplicação do potencial militar.

De acordo com o que sugere a noção de estratégia integral, podemos analisar o fenómeno da guerra segundo as diferentes formas de coacção que um actor político pode mobilizar na resolução de um conflito: coacção militar, coacção político-diplomática, coacção económica e coacção psicológica. A cada uma destas formas de coacção, corresponderá um domínio específico de acção estratégica. Teremos, assim, uma *estratégia psicológica* – responsável pela acção dirigida às opiniões públicas e às forças morais (civis e militares) do campo do adversário (propaganda, contrapropaganda e informação); uma *estratégia político-diplomática* – centrada na acção dos actores políticos e diplomáticos (política interna e política externa); uma *estratégia económica* – responsável pela criação e rentabilização de recursos económico-financeiros para a prossecução dos objectivos político-estratégicos e pela redução das capacidades económicas das forças adversas (produção, financeira, comércio externo...); e, por fim, uma *estratégia militar* – responsável pela combinação dos diferentes recursos do potencial militar (terrestre, marítimo e aeroespacial) (Cf. Couto, 1989: 227-239).

É com base neste quadro de referência que os actores políticos e militares concebem uma manobra estratégica integrada, reflectindo cada domínio de acção uma problemática particular em que se pode subdividir a análise do fenómeno da guerra. Propomos a utilização deste racional para a definição dos macrotemas da análise da guerra, acrescentando-lhe a *dimensão civil*, que, naturalmente, ele não integra. Consideramos, assim, cinco enquadramentos macrotêmáticos na nossa análise:

- *estratégico-militar*: todas as acções que representem opções da condução da estratégia militar da guerra e/ou operações militares efectivas (terrestres, aéreas, marítimas) – (p. ex., análises de especialistas sobre a condução da estratégia da guerra, actores políticos ou militares a comentar a evolução das operações, tropas em combate);

- *político-diplomático*: todas as situações que representem acções de agentes do campo político e/ou diplomático de diferentes países ou das organizações internacionais (p. ex., comunicação ao país de um chefe de governo, negociações no seio da ONU ou noutras organizações internacionais, debate num parlamento nacional sobre a guerra);

- *psicológico*: todas as acções apresentadas na perspectiva da sua produção de efeitos sobre as opiniões públicas, sobre o moral das populações civis ou sobre o moral dos militares (p. ex., manobras de propaganda ou de contrapropaganda desencadeadas pelos partidos beligerantes, reacções de familiares das tropas, manifestações públicas);

- *económico*: todas as situações que relevem finalidades ou consequências económicas do conflito (p. ex., preços do petróleo, custos das operações militares, efeitos para as economias internacional ou nacionais);

- *civil*: todas as acções que representem os efeitos directos e indirectos da guerra sobre as populações civis, tanto nos países em conflito como nos restantes, incluindo as acções de organizações de apoio humanitário (p. ex., situação humanitária das populações, efeitos da guerra sobre o quotidiano, vítimas civis de erros militares);

Uma peça jornalística pode ser rica na exploração de várias destas temáticas, embora na maioria dos casos, sobretudo na mediatização televisiva, tenda a focalizar-se numa delas. Não propomos, portanto, a utilização destas subcategorias seguindo um critério exclusivista, razão pela qual procedemos a uma classificação gradativa dos itens de análise, como explicamos na apresentação dos aspectos metodológicos do estudo.

b) *Microtemas*

A controvérsia gerada em torno da prossecução do conceito de «guerra preventiva», adoptado pelos actores políticos da coligação anglo-americana e seus aliados na justificação da intervenção militar, forneceu-nos os «microtemas» da nossa análise, que subdividimos em dois grupos, considerando os principais argumentos dos dois lados que alimentaram a esfera da controvérsia na fase pré-guerra e que se mantêm bem vivos no debate público pós-guerra convencional.

Definimos como temas *pró-coligação* as problemáticas da existência de *armas de destruição maciça (ADM)* no Iraque; da ligação do regime de Saddam Hussein ao *terrorismo* de grupos fundamentalistas islâmicos e da *diabolização* do então presidente iraquiano e do seu regime, que constituíram, na nossa perspectiva, os temas centrais da comunicação estratégica desenvolvida pelos actores políticos da coligação e dos seus apoiantes.

Como *temas adversos* aos objectivos político-estratégicos da coligação, considerámos as problemáticas da *legalidade internacional* para desencadear uma acção militar, da prossecução de *interesses económicos* de elites políticas e empresariais dos países da coligação e, por fim, da interpretação desta «guerra preventiva» como um ataque do ocidente contra o Islão - que classificamos genericamente recorrendo ao conhecido conceito huntingtiano de *choque de civilizações* (Cf. Huntington, 1999); pensamos que foram estes os três principais temas presentes nas acções e palavras dos actores que se opuseram às intenções da coligação anglo-americana, tanto nas daqueles que adoptaram uma posição anti-coligação, como nas dos partidários de uma visão pró-iraquiana (inclusive o próprio regime), embora sejam duas posições distintas, que utilizam estes temas com modalidades e finalidades diferentes.

A categorização apresentada é, como referimos, restrita ao âmbito da controvérsia em torno da legitimidade da intervenção militar, tentando a essa luz dar conta apenas dos temas que se nos apresentaram como mais recorrentes. Ficam de fora muitos outros microtemas surgidos no decurso da narrativa mediática da guerra, muitos deles estimulados pela acção directa dos contendores em interacção com a acção dos media. Da observação das imagens da primeira semana de conflito, poderíamos destacar, por exemplo, as dúvidas levantadas pela administração norte-americana em relação à identidade de Saddam Hussein, a questão dos prisioneiros de guerra iraquianos ou o problema dos militares capturados por iraquianos. O aprofundamento da nossa análise no sentido das problemáticas sugeridas ao longo da construção mediática da narrativa da guerra

será certamente interessante num estudo mais global, que não teríamos hipótese de desenvolver no contexto de um trabalho exploratório.

Aspectos metodológicos

Os dados apresentados neste estudo são resultado do desenvolvimento de uma análise quantitativa dos telejornais da RTP1, emitidos entre os dias 20 de Março de 2003 e 26 de Março de 2003. Para a cobertura da Guerra do Iraque, este canal de serviço público de televisão adoptou um modelo de informação em contínuo, com a abertura na grelha de emissão de espaços informativos especiais («Jornal da Guerra», «Diário da Guerra»), tentando dar aos seus telespectadores a sensação de cobertura em tempo real da evolução do conflito. A grelha de alinhamento global da estação ficou, assim, subordinada às expectativas de evolução dos acontecimentos, o que lhe permitiu, por exemplo, emitir em directo o início dos bombardeamentos sobre Bagdade.

Apesar desta opção editorial, segundo a qual as exigências da informação ultrapassam qualquer lógica de programação pré-definida, ocupando espaços que tradicionalmente são designados para o entretenimento, este canal da RTP manteve no mesmo horário o programa Telejornal, aproveitando este momento tradicional de encontro com o seu público para dar as últimas novidades sobre a evolução do acontecimento e fazer um ponto de situação sobre a cobertura geral da guerra durante o dia, além de apresentar ainda outros assuntos que marcavam a actualidade. A manutenção do formato habitual deste programa de informação facilitou a constituição do *corpus* de análise do nosso estudo, pois seria praticamente impossível não só obter registos completos de todos os especiais de informação realizados sobre a guerra, como também conseguir em pouco tempo, sem uma equipa de investigação, analisar um volume de elementos tão vasto. Partimos, assim, do pressuposto de que as edições do Telejornal constituem uma «amostra» substantiva da cobertura geral da Guerra do Iraque realizada pela RTP1.

Como unidade de análise básica utilizámos o conjunto constituído pela apresenta-

ção do pivô e qualquer outro elemento de mediação introduzido pela sua «voz». Esta opção justifica-se porque é o «lead» do pivô que tem como objectivo conferir um primeiro sentido de enquadramento ao conteúdo de outros géneros jornalísticos. Considerámos, assim, diferentes formatos da mediação que utilizámos também como indicadores complementares para análise. No conjunto dos sete programas, foram analisados 199 itens, cujo conteúdo se encontrava ligado ao conflito no Iraque, e classificados 37 itens referentes a outros assuntos.

Na análise dos enquadramentos macrotemáticos, procedemos, como referimos anteriormente, a uma classificação gradativa, segundo a qual todos os itens eram analisados em quatro níveis: *sem significado*, *significado mínimo*, *significado moderado* e *significado acentuado*. Na análise dos resultados finais, concluímos que os níveis intermédios («significado mínimo» e «significado moderado») não apresentavam relevância estatística, pelo que optámos por agregar os seus resultados aos outros dois níveis (respectivamente, «sem significado» e «significado acentuado»).

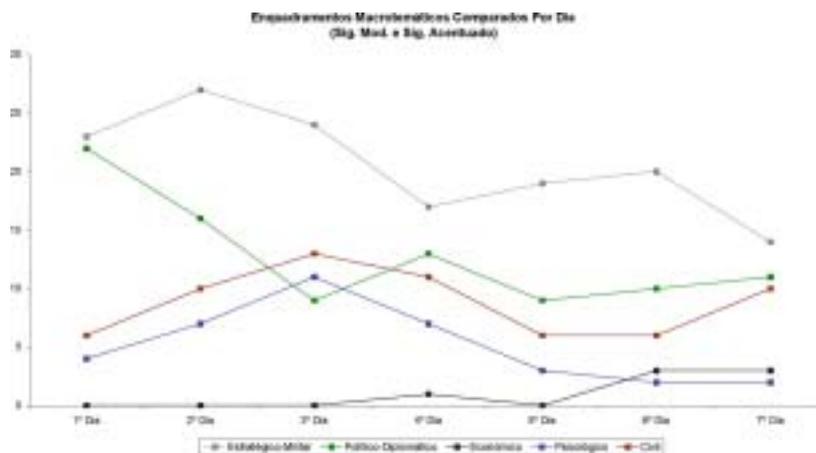
Para análise dos enquadramentos microtemáticos, uma vez que poderiam surgir numa forma *afirmativa*, *negativa* ou *neutra*, optámos por considerar esses três campos de classificação, o que se revelou infrutífero neste estudo, pois todos os itens com referência a microtemas apresentaram-se-nos sempre na forma «afirmativa». Pensamos, no entanto, que as três possibilidades de classificação poderão fazer sentido em análises futuras.

Resultados

O período analisado coincide com a fase inicial da ofensiva terrestre da tropas da coligação em território iraquiano, que podemos considerar «a primeira fase da guerra» (cf. Clark, 2004). Nos primeiros três dias (20 a 22), assistimos aos bombardeamentos sistemáticos sobre a capital iraquiana (à tentativa de «capitulação» de Saddam Hussein e à campanha «Choque e Pavor», como anunciou o secretário da Defesa norte-americano), aos confrontos entre tropas terrestres e à sua progressão no terreno em direcção

a Bagdade, às rendições de soldados iraquianos. Surgem, a partir do quarto dia, as primeiras notícias mais desagradáveis para a coligação: as imagens de soldados americanos mortos em combate e feitos prisioneiros, as primeiras imagens de civis atingidos nos chamados «efeitos colaterais», o abrandamento da progressão no terreno devido a uma tempestade de areia que assolou a região e os confrontos pela tomada de Umm Qasr e Bassorá. As tropas da coligação encontram-se no chamado «círculo vermelho», a poucos quilómetros da capital iraquiana. Começa a especulação sobre se a «batalha de Bagdade» não poderá tornar-se uma «batalha de Estalinegrado», fazendo assim apelo a um dispositivo de *enquadramento histórico* (Cf. Modigliani e Gamson, 1995: 3).

a) Focalização macrotemática



Da análise dos enquadramentos macrotêmáticos, sobressai uma atenção focalizada sobretudo nos aspectos estratégicos e militares que envolveram o acontecimento. Quase três em cada quatro unidades de análise dedicam-se, de forma moderada ou acentuada, às problemáticas militares da «primeira fase da guerra» (Anexo - Gráfico 3a). Esta tendência mantém-se constante durante toda a semana – sempre destacada das restantes subcategorias consideradas –, mas atinge os seus picos máximos nos três primeiros dias de conflito, em que o Telejornal foi extraordinariamente dedicado ao início dos bombardeamentos a Bagdade e à explicação da manobra estratégica das forças da coligação (Anexo - Gráfico 3b).

O enquadramento político-diplomático é o que se aproxima um pouco mais dos índices da cobertura centrada nas questões militares, embora se situe sempre abaixo destas (Anexo – Gráficos 3c e 3d). Este resultado tem de ser analisado tendo em conta o facto de em muitos casos se cruzarem as duas dimensões pelo duplo sentido em que os principais actores e os seus actos de discurso podem surgir no discurso jornalístico. Em estudos futuros, a criação de um indicador sobre os diferentes tipos de actores (políticos, militares, civis...) de ambos os lados beligerantes poderá ajudar a uma análise mais aprofundada dos resultados desta subcategoria.

As implicações económicas do conflito, tanto no campo da acção estratégica como no da vida das comunidades, foram as problemáticas menos exploradas nos Telejornais da

primeira semana de conflito. É puramente residual a percentagem de itens que se dedicam de forma moderada ou acentuada a esta dimensão (Anexo – Gráfico 3e), que se encontra ausente da maioria dos programas analisados (Anexo – Gráfico 3f). Os aspectos relacionados com a manobra psicológica sobre as opiniões públicas (propaganda, contrapropaganda ou «guerra de informação») e os efeitos da guerra sobre as forças morais (civis e militares) surgem como a segunda dimensão da guerra menos destacada, mas a um nível superior ao do enquadramento económico. Um em cada cinco itens analisados apresenta esta problemática com um significado «moderado» ou «acentuado» (Anexo – Gráficos 3g e 3h).

Os efeitos directos e indirectos da guerra sobre as populações civis encontram-se presentes com um significado «moderado» ou «acentuado» em cerca de um terço dos itens dos telejornais (Anexo – Gráfico 3i). É, assim, a terceira dimensão da problemática geral da guerra mais destacada, registando uma tendência estável ao longo de toda a semana, com uma excepção no 3º dia, em que ganha maior destaque (Anexo – Gráfico 3j).

b) *Onde estão os temas da controvérsia?*

Tabela 1 - Enquadramentos Microtemáticos

Temas Coligação		Temas Adversos	
Armas de Destruição Massiva	10	Legalidade Internacional	7
Ligação Terrorismo	1	Interesses Económicos	0
Diabilização Regime Iraquiano	4	Choque Civilizacional	1
Total	15	Total	8

O dado mais surpreendente com que nos fomos deparando ao longo do estudo foi a constatação de uma quase ausência dos microtemas mais recorrentes que alimentaram – e que ainda alimentam – a esfera de controvérsia gerada em torno do debate público sobre a intervenção militar no Iraque. Apenas 10 por cento dos itens do conjunto dos telejornais apresentaram alguma ligação com pelo menos um dos seis temas que definimos no nosso modelo de análise (Anexo – Gráfico 4a).

Nos poucos casos identificados, os temas da coligação anglo-americana representam quase o dobro dos temas adoptados pelas visões anti-coligação ou pró-iraquianas. No conjunto de todos os temas, a questão das armas de destruição maciça foi a mais frequente, enquanto a problemática da falta de legitimidade internacional surge em segundo lugar. A questão das possíveis motivações económicas por detrás do conflito não é colocada; a ligação do regime de Saddam a grupos terroristas e a visão do problema pelo prisma do modelo «choque de civilizações» aparecem uma vez.

Estes resultados vão ao encontro das conclusões apuradas num estudo recente sobre

a acção dos media durante as várias fases da crise iraquiana, que aponta para a existência de uma diferença substantiva no destaque que a imprensa (Sun, Daily Mirror, Daily Telegraph, Guardian) e as televisões (BBC, ITN) conferiram às justificações da guerra durante a fase de invasão. A investigação de Howard Tumber e Jerry Palmer constata a existência de uma desproporção drástica entre a atenção conferida pelas televisões aos aspectos relacionados com a condução da guerra e a atenção prestada às justificações e consequências políticas a longo prazo (2004: 96-113). A partir do momento em que Bagdade passa a ser dominada pelas forças da coligação, segundo o mesmo estudo, verifica-se uma mudança dramática do *focus* de atenção das televisões, que passa a concentrar-se mais nas consequências da guerra do que na sua condução, enquanto a imprensa mantém uma tendência mais equilibrada entre as duas dimensões (2004: 102).

Conclusão

As conclusões que podemos extrair de um estudo exploratório terão de ser sempre sujeitas a uma interpretação ainda mais atenta e rigorosa do que as das investigações acabadas, sobretudo quando se trata de análises empíricas exclusivamente quantitativas, extraordinariamente úteis como ponto de partida, mas que tendem a deixar de lado pormenores importantes que só uma análise qualitativa poderá relevar.

Realizámos este trabalho com a intenção de testar conceitos, um modelo de análise e a razoabilidade de algumas hipóteses, na expectativa de encontrarmos caminhos mais seguros para progredirmos na investigação da sua problemática central. A evolução desta investigação deverá passar não só pelo alargamento do seu *corpus*, tanto no tempo como nos sujeitos analisados, mas também pela concepção de um modelo de análise qualitativa, que contemple outros dispositivos de enquadramento mediático, além dos enquadramentos temáticos. Permitimo-nos, no entanto, sublinhar uma conclusão no contexto do nosso *corpus*, que é limitado, mas espelha parte significativa da atitude editorial de uma estação de televisão num período crucial da Guerra do Iraque.

Se as notícias são, como descreve Tuchman, «uma janela para o mundo», que «pretendem dar-nos aquilo que queremos saber, necessitamos de saber e devemos saber» (1978: 1), a janela dos telejornais da RTP1, durante a primeira semana de confli-

to, ofereceu aos seus telespectadores uma versão essencialmente unidimensional do fenómeno da guerra, com uma excelente vista para a «frente de combate», mas de costas voltadas à controvérsia sobre a sua existência.

Bibliografia

Bennett, W. Lance e Paletz, David L. (1994), *Taken by Storm*, Chicago e Londres, The University of Chicago Press.

Charaudeau, Patrick et al (2001), *La Télévision et la Guerre – Déformation ou construction de la réalité ?* Bruxelas, Éditions De Boeck Université.

Clark, Wesley K. (2004), *Vencer as Guerras Modernas – Iraque, Terrorismo e o Império Americano*, Mafra, Temas e Debates.

Couto, Abel Cabral (1989), *Elementos de Estratégia*, Lisboa, Vol. I, Instituto de Altos Estudos Militares.

Entman, Robert (1993). «Framing: Toward Clarification of a Fractured Paradigm», in *Journal of Communication*, 43(4), pp. 51-58.

Gamson, William A. e Modigliani, Andre (1992), «Media Discourse and Public Opinion on Nuclear Power: A Constructionist Approach», in *The American Journal of Sociology*, Vol. 95 N°1, pp. 1-37.

Gitlin, Todd (1980). *The Whole World is Watching*, Berkeley e Los Angeles, University of California Press.

Goffman, Erving (1976). *Frame Analysis*, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press (3ª edição).

Huntington, Samuel P. (1999). *O Choque das Civilizações – e a Mudança na Ordem Mundial*, Lisboa, Gradiva.

Iyengar, Shanto e Simon, Adam (1993). «News Coverage of the Gulf Crisis and Public Opinion», in *Communication Research*, Vol. 20 N°3, pp. 365-383.

McCombs, Maxwell e Shaw, Donald (2000 [1972]). «A Função de Agendamento dos Media», in Nelson Traquina (org.), *O Poder do Jornalismo*, Coimbra, Minerva Coimbra, 2000, pp. 47-61.

McCombs, Maxwell e Shaw, Donald (2000 [1993]). «A Evolução da Pesquisa Sobre o Agendamento», in Nelson Traquina

(org.), *O Poder do Jornalismo*, Coimbra, MinervaCoimbra, 2000, pp. 125-135.

Mesquita, Mário (2003), *O Quarto Equívoco – o poder dos media nas sociedades contemporâneas*, Coimbra, Minerva Coimbra.

Santos, José Rodrigues dos (2003), «Em directo da guerra – O impacto da Guerra do Golfo no discurso jornalístico», in *Media & Jornalismo*, n°3, 2º Ano, CIMJ-Centro de Investigação Media e Jornalismo e MinervaCoimbra, pp. 23-28.

Scheufele, Dietram A. (1999). «Framing as a Theory of Media Effects», in *Journal of Communication*, 49 (1), pp. 103-122.

Taylor, Philip (1993), *War and the Media - Propaganda and Persuasion in the Gulf War*, Manchester, Manchester University Press.

Tuchman, Gaye (1978). *Making News*, New York e London, The Free Press (1ª edição paperback: 1980).

Tumber, Howard e Palmer, Jerry (2004), *Media at War*, Londres, Sage Publications.

Wolton, Dominique (1991), *War Game - L'information et la guerre*, Paris, Flammarion.

Woodrow, Alain (1991), *Informação e Manipulação*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

¹ Escola Superior de Comunicação Social – Instituto Politécnico de Lisboa; CIMJ - Centro de Investigação Media e Jornalismo; telmogoncalves@netcabo.pt.

² Discurso do Estado da União dirigido pelo presidente dos EUA ao Congresso a 29 de Janeiro de 2002; <http://www.whitehouse.gov/news/releases/2002/01/20020129-11.html>

³ Ver «'Combates violentos' entre forças especiais dos EUA e unidades iraquianas», in *Público*, 20.03.2003, p.8.

⁴ Ver «Embedded Reporters: What are American Getting?», Project for Excellence in Journalism (<http://www.journalism.org/resources/reports/war/embed>).

Anexo

1. Agenda Geral

Gráfico 1a - Distribuição Guerra do Iraque e Outros Assuntos por Blocos de 15 minutos

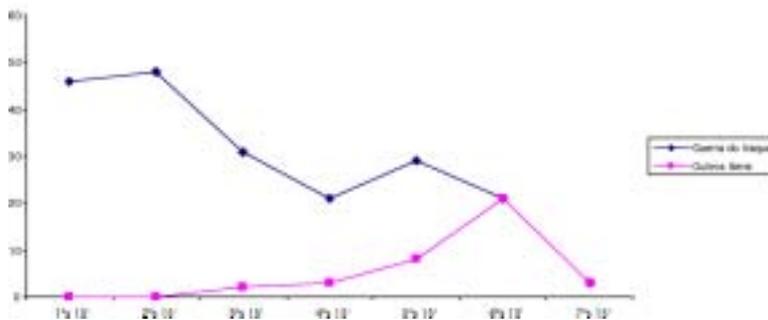
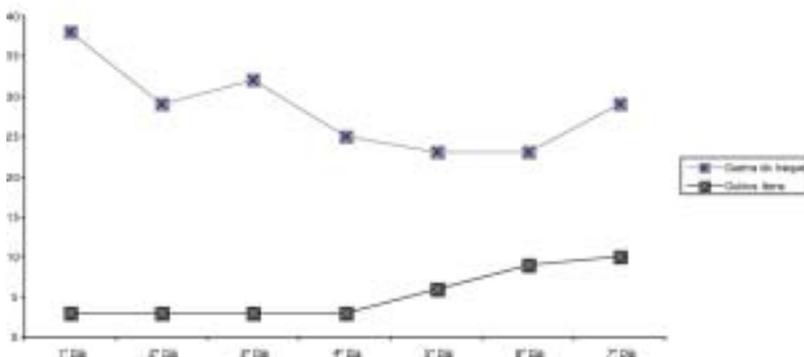
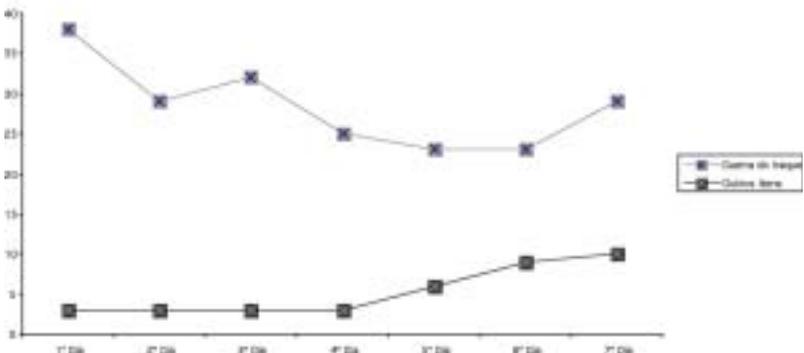


Gráfico 2 - Evolução da Agenda durante a 1ª Fase da Guerra

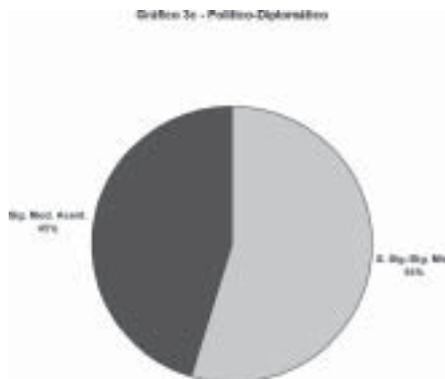
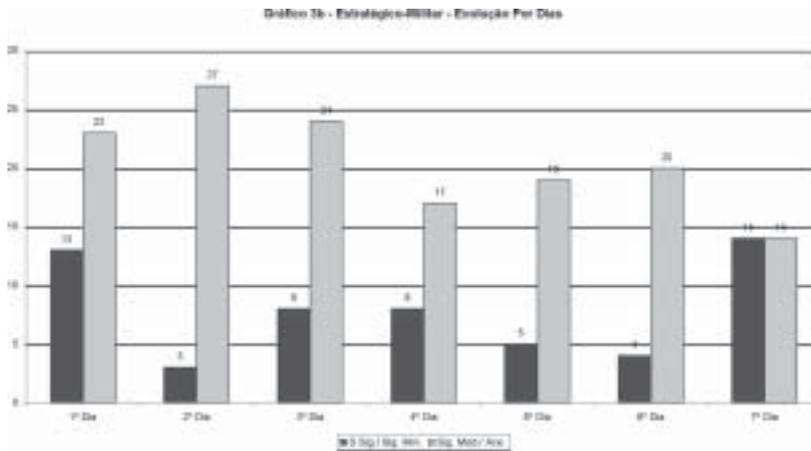
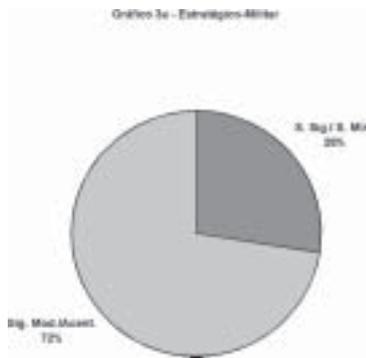


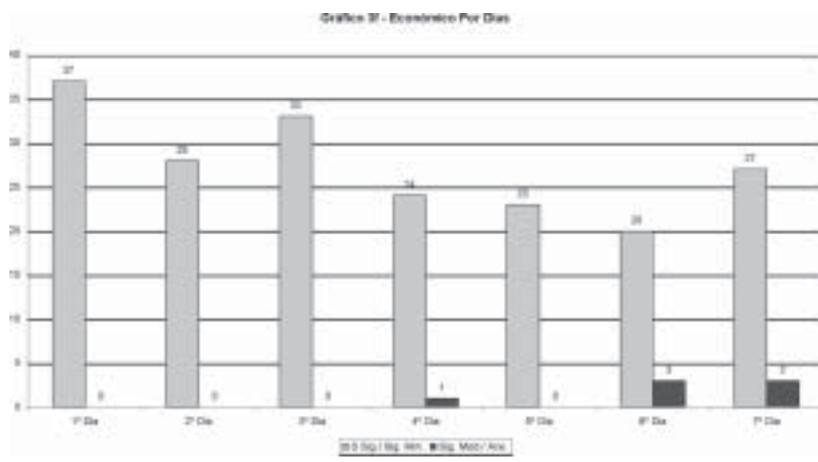
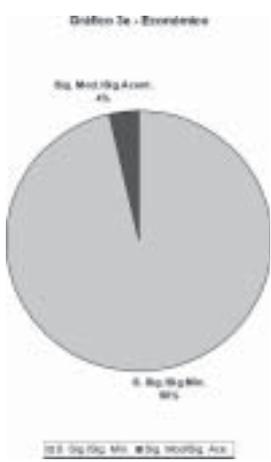
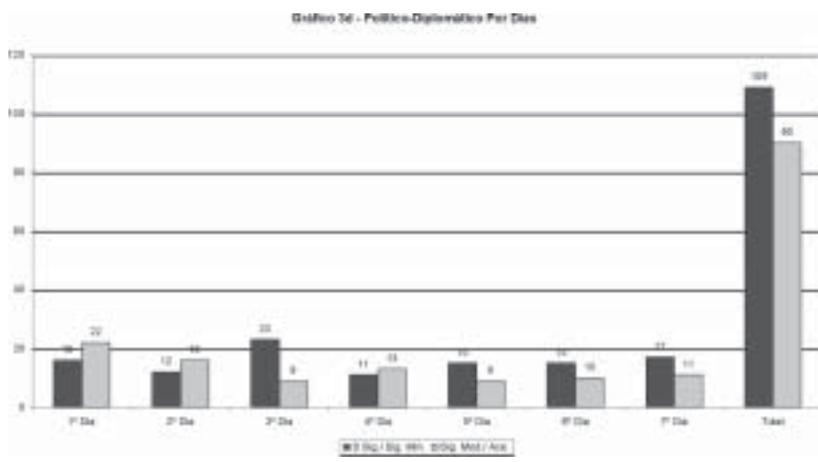
2. Modalidades da Mediatização

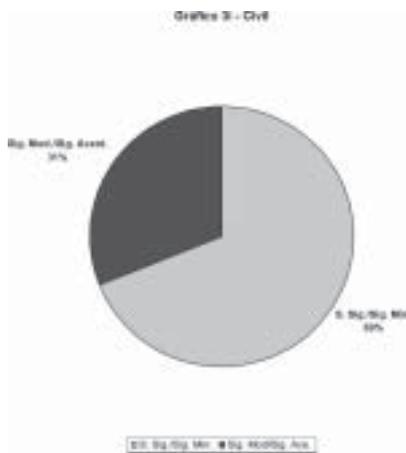
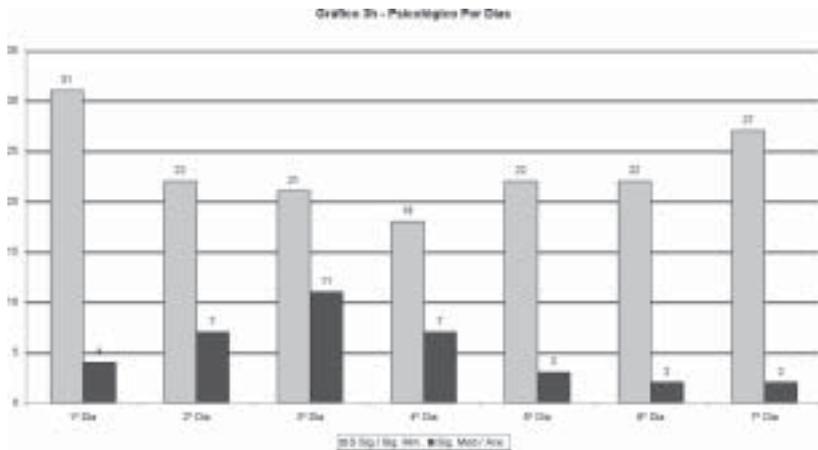
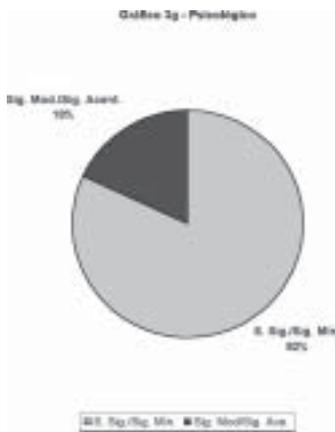
Gráfico 2 - Evolução da Agenda durante a 1ª Fase da Guerra

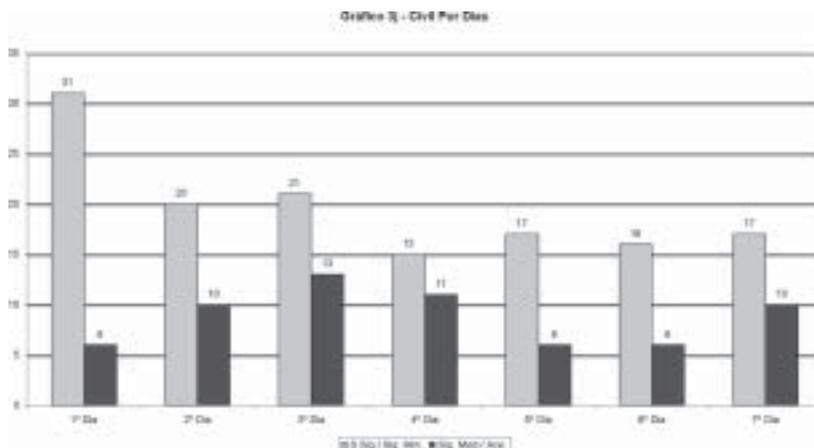


3. Enquadramentos Macrotemáticos









4. Enquadramentos microtemáticos

Gráfico 4a - Presença de Temas de Contribuição (Total de Resps)

